

CORPO- MÁQUINA

CORPO-MÁQUINA

O que, e como se constitui esse corpo que se diferencia e existe nesse modos questionador? Na fusão dos hábitos de vida com a prática da performance, levando a máximas hábitos aberrantes, se constrói uma máquina corporal que se diferencia do senso comum e dos modos de existir da cidade. Localizar esse corpo do artista no contexto das heterotopias de passagem, fora dos espaços institucionalizados da arte é necessário pois, localiza-se também as multiplicidades de forças com a qual busca estabelecer jogos. Corpo máquina. Negociação performática com os modos homogeneizantes, que transita e constrói espaços e tempos efêmeros na sua existência.

Agindo na apropriação das forças de dominação que atravessam e violentam as existências nas cidades, e as levando a extremos, em que desloca-se a mola dialética do sentido que as mantém, acopla-se: pele, suor, bicicleta, mochila, papelão, des-organiza a existência molarizada, re-organiza um corpo máquina. Existência potente e precária que faz da sobra, do resíduo, do gesto que resta,

axioma masoquista de existência, máquina de guerra. Por uma ecologia: econômica, ambiental, corporal, cósmica, realiza-se os deslocamentos pela cidade de bicicleta, rotina diária que gera um estado corporal e uma imagem performática. Corpo exausto, suado, ofegante, que contamina com sua umidade a pele de papelão, e é contaminado por sua frágil existência, frágil e corajoso esse acoplamento de corpos, exalta-se o corpo, os corpos, a densidade do respirar. Nega-se o medo, o modo higienista que segrega pelo vestuário, pela diferença e re-existe na modulação da rotina e dos hábitos contemporâneos, pondo a circular uma singularização que negocia com essas forças e hábitos solidificados.

O encontro com a materialidade do papelão e sua aplicação na elaboração de objetos e vestuário, se dá por meio de uma grande oferta desse material no meio urbano. Entendido pelos que descartam como lixo, é encontrado facilmente nas lixeiras comerciais. Problematiza-se o percurso que esses materiais percorreram até o momento em que são descartados, sempre em função de outros produtos e materiais. Exercem sua função protetora do outro até seu destino, e aí se tornam problema, resíduo, fracasso.

Papelão tão descartável. Papelão tão necessário. Oferta farta de material carregado de uma memória de seriação, de ritmo, de reprodutibilidade que é apropriada para criar um modos construtivo desse corpo em performance. Gerando pelas características plásticas do papelão, uma diferenciação dos objetos e acoplamentos realizados cotidianamente no corpo, atuando na máquina cotidiana da cidade, em uma micropolítica da re-existência que agencia um ritmo que compõe aberrantemente com essa paisagem, sublevando as relações de forças que habitam a cidade. Utiliza-se da própria potencialidade material do papelão, deixando com que questões tonais e materiais reverberem ritmicamente a partir de tais características. De modo que a cor do papelão gere essa construção de ritmos diferenciados dos modos da cidade e uma potência de conjunto em suas relações com o corpo. Materialidade que perpassa as estratégias e dispositivos gestados nas ações do artista, apropriando de uma materialidade do resíduo, surfando na onda do fracasso do capitalismo esquizofrenizante, para negociar a existência do corpo.